



GT 10. Antropologia das praticas esportivas e de lazer

Coordenador(es):

Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 1 - Lazer e Sociabilidades

Debatedor/a: Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Sessão 2 - Relações de Gênero e Etnografias

Debatedor/a: Mariane da Silva Pisani (UFT - Fundação Universidade Federal do Tocantins)

Sessão 3 - Corpo, performance e noções de pertencimento

Debatedor/a: Leonardo Turchi Pacheco (UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas)

Este grupo de trabalho tem como proposta dar continuidade, ampliar e acrescentar novas reflexões realizadas nas reuniões anteriores da Reunión Antropológica del Mercosur (2001-2019) e Reunião Brasileira de Antropologia (2000-2018) nos grupos de antropologia dos esportes e do lazer. Ao se constituir como um espaço de diálogos, trocas e interlocuções, esse GT tem como objetivo reunir antropólogos (e demais cientistas sociais) que através de abordagens teórico-metodológicas diversas dedicam-se a compreender os esportes e os lazeres; suas práticas e saberes (de resistência ou cumplicidade) em um contexto que engloba o Brasil e parte da América do sul, marcado pelo crescimento do autoritarismo, conservadorismo na moral e costumes, e retrocessos em direitos, políticas públicas e sociais. Nessa perspectiva tem a intenção de acolher estudos que aprofundem e refinem os debates relativos aos esportes e lazeres em conjunção a temas como os das identidades raciais e étnicas, preconceitos sociais, sociabilidades, corporeidades, os estudos de gênero, sexualidade e erotismo, as estruturas de poder, as mídias tradicionais e as novas mídias, a ocupação de espaços urbanos e rurais, as lógicas das territorialidades e seus conflitos.

?Isto aqui não é uma torcida. Isto aqui não é uma escola de samba. Isto aqui é um hospício.?: a Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) e a Sociedade Escola de Samba TUP

Autoria: Julio Cesar Valente Ferreira (CEFET/RJ - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca)

O work tem como objetivo etnografar as sociabilidades configuradas na Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP), fundada na cidade de São Paulo em 1970 e que, a partir de 1991, também se constituiu como agremiação carnavalesca. Durante os anos de 2019 e 2020, a pesquisa foi empreendida através de visitas à quadra da TUP, a qual se transforma em ateliê e barracão no tempo particular do carnaval, entrevistas com integrantes da torcida e observação participante dos eventos promovidos na quadra, das idas ao estádio para partidas do Palmeiras, do desfile e da apuração das notas do concurso. Toledo (1996) destaca que, na cidade de São Paulo, as torcidas organizadas são organizações populares criadas em torno do futebol e que, em alguns casos, também participam como agremiações carnavalescas na folia paulistana. Para Toledo (1996), a diferença entre estas modalidades de sociabilidade baseadas em disputas reside no fato de que, no carnaval, as torcidas organizadas participam como protagonistas. A literatura sobre a relação entre estas formas de sociabilidade é escassa, com works que buscam descrever: (i) quem são estas torcidas organizadas no universo do samba (CAMPOS e LOUZADA, 2012), (ii) através da análise do resultado de um survey, em que grau estes torcedores organizados aderem ao carnaval de sua torcida organizada (HOLLANDA e MEDEIROS,



2018) e (iii) como estas duas cosmovisões se imbricam no caso de uma torcida organizada específica, focando os mecanismos conciliatórios dos discursos de virilidade da torcida organizada e de confraternização preconizados pelo carnaval (BUENO, 2015). No decorrer do estudo, verificou-se que a participação no carnaval possibilita à TUP ocupar o espaço urbano de outras formas para além daquelas já estabelecidas como torcida organizada. A inserção da TUP no carnaval decorreu por conta de uma participação anterior dos membros mais jovens em outras escolas de samba, tensionando um conflito com os filiados mais antigos sobre esta combinação de formas de lazer entre os associados, e ao fato de desejarem se equivaler a torcidas organizadas, ligadas aos demais grandes clubes profissionais de São Paulo, que já participavam do carnaval. Também se revelou uma configuração de sociabilidades com membros e dirigentes de outras torcidas organizadas e escolas de samba, a qual não permite estabelecer uma separação rígida entre um habitus de torcedor organizado e outro de folião. Por fim, destaca-se que, como torcida organizada ou como escola de samba, o discurso norteador sempre é honrar o nome e a instituição Sociedade Esportiva Palmeiras, que internamente caracteriza-se como manifestação de uma estrutura teleoafetiva e externamente é estigmatizado como loucura; marca esta já incorporada de forma jocosa pelos membros da TUP.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: